

ENSINO DE LÍNGUA NA ESCOLA BÁSICA – ORIENTAÇÃO FUNCIONAL

DUTRA, Vania Lúcia Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Federal Fluminense
vaniardutra@uol.com.br

SILVA, Liliene Maria Novaes Pereira da
Universidade Federal Fluminense
lilimariauff@gmail.com

Resumo: Discute-se, neste trabalho, a transposição dos conhecimentos produzidos pela academia para a escola, especificamente as contribuições que a Linguística Sistêmico-Funcional tem a oferecer no que diz respeito ao trabalho com a gramática. O trabalho com a gramática ainda hoje desenvolvido na escola básica é de orientação estritamente formal, apoiado em definições, classificações, exercícios mecânicos que mobilizam unicamente a memória e quase sempre desvinculados do uso real da língua. A visão funcionalista examina a língua como uma entidade não suficiente em si, e investiga a estrutura linguística vinculada a seu contexto de uso, o que confere especial relevância à correlação entre as propriedades das estruturas gramaticais e as propriedades dos contextos em que ocorrem. Nessa perspectiva, a gramática é considerada parte de um conjunto mais amplo de recursos que atuam na configuração da forma como a língua é colocada em uso, ou seja, na configuração da forma como os textos são construídos. Nosso objetivo é demonstrar como a abordagem funcional da gramática da língua é mais eficaz no desenvolvimento da competência comunicativa de nossos alunos, que passam a ver sentido e aplicabilidade no estudo da estrutura da língua nas aulas de Português.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; ensino de língua materna; gramática.

1. Introdução

Há, entre aqueles que se preocupam com o ensino de Língua Portuguesa como língua materna na escola básica, o entendimento de que o foco do trabalho na sala de aula não pode ser mais a gramática com objetivo e fim em si mesma. Busca-se, hoje, ampliar a competência comunicativa dos alunos, o que representa uma mudança de perspectiva. Tal mudança está sendo possível por conta da concepção que se passou a assumir em relação à língua, considerando-a como um instrumento de comunicação e de ação e privilegiando sua funcionalidade.

Com base nessa visão, pesquisadores que se dedicam a pensar as práticas pedagógicas de ensino de língua na escola básica têm trazido, para o centro de suas discussões, a abordagem funcionalista da linguagem.

A partir dos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), entende-se que o trabalho com a gramática na escola é necessário – ao contrário do que defendem alguns – e que o conhecimento gramatical é imprescindível para que o aluno possa desenvolver suas habilidades de leitura e de escrita, atingindo uma maior proficiência verbal.

A ênfase dada hoje ao trabalho com os textos na escola – presente nos documentos oficiais que apontam diretrizes para o ensino – vem ao encontro do que propõe a abordagem sistêmico-funcional, que estabelece uma estreita relação entre os fatos gramaticais e a constituição dos textos.

Assim como muda a concepção de língua a partir do que propõe a Linguística Sistêmico-Funcional, muda também a concepção de gramática. A língua, na visão funcionalista, não é um sistema autônomo, mas uma atividade social cotidiana determinada pelas diversas situações de interação em que se dá, e a gramática, dinâmica e maleável, é entendida em “referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (NEVES, 1997, pág. 3). A gramática passa, então, a ser concebida como um potencial para a construção de significados. Assim considerada, ela é moldada pelas determinações da situação comunicativa específica em que se dá – os interlocutores, os objetivos do evento da fala, o contexto discursivo – e estabelece relações entre o sistema linguístico, seus elementos e as funções que eles cumprem na comunicação.

Diferentemente da gramática de base estrutural, muito presente na escola ainda hoje, a chamada “gramática funcional”, tem como tarefa, conforme Beaugrande (*apud* NEVES, *op. cit.*), “fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso”. Dessa forma, não há como desvincular gramática e texto no processo de ensino-aprendizagem da língua.

2. Teoria linguística e prática pedagógica

Toda prática pedagógica baseia-se em um posicionamento teórico assumido pelo professor, mesmo que ele não se dê conta disso. O ensino do português vem sendo praticado tradicionalmente a partir de uma concepção de língua como expressão do pensamento. A partir dessa concepção, o professor constrói o seu trabalho considerando a língua um sistema autônomo de códigos sem nenhuma ligação com as situações concretas de comunicação em que ela é usada. A língua é tida como uma produção mental, individual e que se organiza com base na lógica do raciocínio – concepção formalista.

É fato que essa concepção orienta um ensino que não considera o texto como a unidade de análise. As unidades de análise, nesse caso, são a palavra e a frase. Os aspectos observados são os da morfologia e os da sintaxe, que se esgotam numa e noutra. Ou seja, o modo como o professor concebe a língua, como ele a entende influenciará decisivamente o tratamento que dará ao conteúdo de ensino nas aulas de Língua Portuguesa e o modo como irá avaliá-lo, e influenciará, inclusive, a decisão sobre o que deve ser o objeto de ensino em suas aulas.

Algumas implicações da assunção do paradigma formalista de ensino de língua são, entre outras, a ideia de que os sujeitos decodificam e reproduzem mensagens, a ideia de que os sentidos pré-existem à realização verbal e de que o texto é um aglomerado de frases, sem qualquer vínculo com o contexto em que é produzido.

Em oposição ao paradigma formalista, o funcionalismo linguístico procura analisar o texto associando o material linguístico de que é constituído internamente aos aspectos do contexto de sua produção e leitura. Essa postura teórica reflete-se na sala de aula promovendo uma abordagem que privilegia a reflexão sobre o funcionamento da língua, sobre o trabalho com a gramática e sobre sua integração com o texto. Conforme Dutra (2011):

Vista como um conjunto de recursos para a produção de significados, como um instrumental de uso que explica o sistema e a estrutura da *língua* realizada em *textos* (HALLIDAY, 2004), a *gramática* torna-se um campo fértil de investigação na escola, uma vez que os significados linguísticos são uma realização da léxico-gramática.

Vejam, resumidamente, os pontos-chave que diferenciam as duas abordagens aqui confrontadas:

	ABORDAGEM FORMALISTA	ABORDAGEM FUNCIONALISTA
LÍNGUA	Sistema autônomo de códigos	Ferramenta para a interação social
TEXTO	Conjunto autônomo de frases que veiculam uma mensagem	Possibilidade realizada a partir do potencial total de significados da língua e ligado a um contexto de uso
GRAMÁTICA	Conjunto de regras para a formação de enunciados	Sistema de opções para a construção de significados
ENSINO	Considera a língua em si mesma e privilegia sua forma	Considera as funções sociais da língua e privilegia seu uso

3. Linguística Sistêmico-Funcional

Partindo de concepções diferentes de *língua*, *texto*, *gramática* e *ensino*, a Linguística Sistêmico-Funcional apresenta-se como uma alternativa para embasar o trabalho com a língua materna na escola. Para os funcionalistas – principalmente para a corrente sistêmico-funcional, de Mickael Halliday –, língua é uma ferramenta para a interação social; ela realiza funções, e são essas funções que dão forma a ela, moldando-a historicamente, por conta dos objetivos que ela tem de cumprir na vida em sociedade; e gramática é um potencial para a construção de significados. Nas palavras de Halliday (2004, p.xiv):

Uma língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhado de formas por meio das quais os significados podem ser realizados. A questão é antes: “como esses significados são expressos?” [e não “o que essas formas significam?”]. Isso põe as formas da língua numa perspectiva diferente: como meios para um fim, mais que como um fim em si mesmas.

A exploração das formas da língua tem como fim, então, a compreensão e a construção de textos. A análise linguística é meramente meio para se chegar à construção dos sentidos do texto, objetivo que deve ser perseguido nas aulas de língua. Na escola, a unidade básica da análise linguística é o texto, entendido como uma possibilidade realizada a partir do potencial total de significados da língua. E é nessa perspectiva que se dimensiona o lugar da gramática:

Um texto é uma unidade semântica, não gramatical. Mas os significados são realizados por fraseados; e sem uma teoria dos fraseados – isto é, uma gramática – não há maneira de tornar explícita a interpretação que se faz do sentido de um texto. Assim, o atual interesse na análise do discurso está de fato provendo um contexto dentro do qual a gramática tem um lugar central. (*idem*, p. Xvii)

Para os funcionalistas, os falantes fazem uso da língua com o propósito criar significados, os quais são determinados pelas escolhas que fazem, no momento da comunicação, no arsenal de opções que estão a sua disposição no sistema linguístico. Essas escolhas, por sua vez, são sempre intencionais, já que há sempre um propósito motivador para o uso que fazemos da linguagem. Comunicamo-nos por meio de textos, oralmente ou por escrito, e, no ato comunicativo, negociamos textos para produzir significados.

Na Linguística Sistêmico-Funcional, a noção de escolha é fundamental e tem sido investigada, entre outros linguistas, por Halliday (2004), que desenvolveu a Gramática Sistêmico-Funcional, uma teoria voltada para o estudo do texto.

Nessa abordagem, o foco é a análise do significado da língua em uso, ou seja, a análise do significado dos textos, e essa análise não se dá com base unicamente nos elementos da léxico-gramática, pois todos os significados construídos ligam-se diretamente ao contexto social onde foram produzidos. A Linguística Sistêmico-Funcional examina a língua como uma entidade não suficiente em si, e investiga a estrutura linguística vinculada a seu contexto de uso, o que confere especial relevância à correlação entre as propriedades das estruturas gramaticais e as propriedades dos contextos em que ocorrem (HALLIDAY, 2004). A Gramática Sistêmico-Funcional explora a relação dinâmica entre os significados, as formas léxico-gramaticais pelas quais esses significados são realizados e os contextos que os ativam. Nessa perspectiva, a gramática é considerada parte de um conjunto mais amplo de recursos que atuam na configuração da forma como a língua é colocada em uso, ou seja, na configuração da forma como os textos são construídos (DUTRA, 2011).

Como já discutido, a perspectiva sistêmico-funcional de análise difere da perspectiva estrutural. A primeira tem o foco na análise funcional da gramática, ou seja, na produção de significados; a segunda, na estrutura. A Gramática Sistêmico-Funcional não ignora a estrutura da língua nem a desvaloriza. Ela propõe que a estrutura seja observada em relação ao contexto em que o texto é produzido, pois a linguagem se organiza não só com base no sistema linguístico como também com base no sistema de dados do contexto social em que se realiza. E esses dois sistemas estão sempre inter-relacionados, formando uma rede sistêmica.

Considerando-se esses dois sistemas, segundo Halliday (2004), é possível analisar um texto e mostrar a organização funcional de sua estrutura. É possível mostrar as escolhas significativas que foram feitas e os efeitos de sentido construídos por elas, em função do que poderia ter sido escolhido e não foi. Cada escolha feita no sistema semiótico é significativa, uma vez que adquire seu significado diante das demais possibilidades que havia e que não foram consideradas. É a valorização do nível semântico do conteúdo linguístico, ao lado do nível léxico-gramatical.

3.1 As metafunções da linguagem

Quando fazemos uso da língua, produzimos textos que constroem sentido a partir de nossa experiência, e interagimos socialmente, ligando o mundo da linguagem (léxico-gramática) ao mundo que existe fora da linguagem (o mundo dos fatos, dos acontecimentos, dos processos sociais, dos processos mentais). É desse modo que a Linguística Sistêmico-Funcional busca compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico como um todo.

A partir da concepção sistêmico-funcional, a língua é vista como um sistema aberto e sempre sujeito a mudanças orientadas por fatores sociais. Ela se estrutura com base em três dimensões de significados realizados simultaneamente nos textos: o ideacional, o interpessoal e o textual, que são a base das metafunções ideacional, interpessoal e textual.

Essas três dimensões compõem a estrutura semântica do texto e o constroem, respectivamente, como *representação* – um processo da experiência humana –, como *troca* –

uma negociação entre locutor e interlocutor – e como *mensagem* – uma determinada informação. Assim, as metafunções da linguagem estão presentes na estrutura do texto por meio de três sistemas a que Halliday denomina *Sistema de Transitividade*, *Sistema de Modo* e *Sistema Temático*, respectivamente.

O Sistema de Transitividade realiza o significado ideacional, expressa a experiência humana como um *processo* em que podem intervir participantes ativo (*ator*) e passivo (*meta*), e as *circunstâncias* desse processo. O Sistema de Modo realiza o significado interpessoal, expressa as relações entre locutor e interlocutor, marcando a atitude do locutor em relação ao que diz, a representação que faz de si mesmo e a imagem que faz de seu interlocutor. Já o Sistema Temático (*tema/remã*) realiza o significado textual, ou seja, constrói o discurso, marcando, pela organização que o locutor dá ao texto, sua estratégia argumentativa.

Apreender o sistema de transitividade nos textos orais e escritos com que nos deparamos é condição para a leitura com compreensão. A partir, então, da apreensão do significado ideacional construído pelo sistema de transitividade é que o interlocutor terá a possibilidade de buscar construir também os significados interpessoal e textual, condição básica para uma leitura amadurecida, crítica, capaz de captar sentidos para além das palavras propriamente ditas, de desvelar a intenção comunicativa do locutor, considerando-se, também – como pressupõe a Linguística Sistêmico-Funcional –, o contexto situacional e sócio-cultural em que se dá o ato comunicativo.

São essas funções que a linguagem desempenha, manifestadas por meio desses três sistemas, que estruturam o componente semântico do sistema linguístico. Como já foi mencionado, a abordagem funcionalista da gramática, de base semântica, investiga as relações que existem entre os recursos léxico-gramaticais e a constituição semântica dos textos. Essa abordagem é, então, uma contribuição valiosa para um ensino mais produtivo da língua.

3.2 A noção de escolha

Segundo Halliday (2004), uma característica fundamental da construção dos enunciados por meio língua é a noção de escolha. Cada enunciado produzido representa, simultaneamente, o resultado de escolhas feitas pelo falante no potencial de opções disponíveis na língua, para cada um dos três tipos de significado.

Comparem-se, por exemplo, os dois enunciados:

- (a) *O bandido entregou os comparsas à polícia.*
- (b) *Os comparsas, o bandido entregou à polícia.*

Tem-se, nos dois enunciados, o mesmo *significado ideacional*: trata-se do mesmo processo (a ação de *entregar*) e dos mesmos participantes (ator: *o bandido*; meta: *os comparsas*; beneficiário: *a polícia*) na situação enunciada.

Tem-se, também, o mesmo *significado interpessoal*: a validade do enunciado está na declaração “*O bandido entregou*”. Não há, nele, a negociação dessa validade entre os participantes do ato enunciativo, por exemplo, em termos de *atitude* (*O bandido talvez tenha entregado os comparsas à polícia / podia ter entregado / deve ter entregado / parece ter entregado*).

Entretanto, não se tem, nos dois enunciados observados, o mesmo *significado textual*: em (a), aquilo sobre que o falante pretende falar é *o bandido*; já em (b), é *os comparsas*.

Essas – e outras – diferentes possibilidades de combinação entre significados *ideacionais*, *interpessoais* e *textuais* realizam-se pelas diferentes opções de configuração léxico-gramatical que a língua disponibiliza. A noção de escolha é, então, central na

abordagem sistêmico-funcional. Produzir textos, portanto, é escolher algumas entre as inúmeras possibilidades de sentido disponíveis no sistema linguístico.

4. O Funcionalismo Linguístico na sala de aula de Língua Portuguesa

Por partilharem, em larga medida, os mesmos recursos léxico-gramaticais é que a interação linguística entre os membros de uma mesma comunidade é possível. Seus falantes dominam o mesmo conhecimento sobre as opções disponíveis em sua língua materna, o que os torna capazes de escolher, entre os recursos léxico-gramaticais, aqueles que estão convencionalmente disponíveis na gramática da língua, para a realização dos significados que pretendem construir.

Portanto, para interagir eficientemente por meio do uso da língua, o falante precisa saber que codificação léxico-gramatical realiza adequadamente os significados pretendidos num contexto específico de interação linguística.

Eis a tarefa do ensino escolar da língua materna: favorecer o desenvolvimento desse tipo de conhecimento pelo aluno, para que ele possa fazer as escolhas adequadas a cada situação de comunicação (HAWAD, 2011). Entretanto, as escolhas que o falante precisa fazer não se restringem somente a questões gramaticais. Além de selecionar os recursos léxico-gramaticais que realizam suas intenções comunicativas, em conformidade com as condições da situação de interação, ele também precisa selecionar registros, gêneros, imagens sociais para si mesmo e para o interlocutor. Dessa perspectiva, estudar gramática na educação básica é refletir sobre as escolhas possíveis na língua portuguesa, considerando as formas léxico-gramaticais em função de seus efeitos de sentido em contexto.

Analisemos um pequeno texto, a título de exemplo do que pode ser feito, em sala de aula, para trazer à consciência do aluno o que ele já faz intuitivamente. As escolhas feitas conscientemente trarão, sem dúvida, uma precisão maior para os enunciados construídos em termos do sentido que constroem, e um resultado mais eficaz da atuação do falante sobre o ouvinte no que se refere à persuasão por meio do discurso.

Rude e doloroso

Minha posição quanto à conveniência ou não de se unificar o português falado no mundo é um destemido “não sei”. Talvez não valha o trabalho que dará para mudar regras e hábitos – sem falar em dicionários – e pode-se prever que as mudanças, se vierem, levarão tempo para “pegar”. Mas os escritores em português têm um interesse menos acadêmico do que prático na unificação do seu idioma, que aumentaria o mercado em potencial para seus livros. O “rude e doloroso” idioma de Bilac é falado por mais gente do que fala francês, mas temos razões para nos queixar da sua relativa obscuridade. Ao contrário da Espanha, que perdeu seu império americano, Portugal não foi muito pródigo com a sua língua.

(VERISSIMO, L. F. **O Globo**, 18/10/2007. Fragmento.)

O autor desse texto tem diante de si uma tarefa profissional de escrita. Essa tarefa impõe um gênero textual específico (um texto de opinião), com espaço garantido em certa seção do jornal (Seção Opinião). O gênero e o suporte impõem certas restrições e certas liberdades de que o autor lançará mão para cumprir sua tarefa profissional e sua intenção comunicativa.

A temática de que trata o texto (o Novo Acordo Ortográfico), por exemplo, poderia ser abordada por outros gêneros, entretanto, a opção pelo texto de opinião se dá justamente pelas restrições já mencionadas. Não se espera que o autor apresente, ao seu editor, um poema ou um artigo científico para figurar no espaço destinado ao texto de opinião no suporte jornal. O gênero selecionado exige um formato e uma estrutura característicos, deixando, ao autor, uma margem relativamente pequena de liberdade no que se refere a sua superestrutura.

Diante da situação comunicativa que se apresenta, o autor assume a imagem de alguém que questiona um fato que inquieta a sociedade, assumindo sua voz. Ao mesmo tempo, vê como seus prováveis interlocutores, por um lado, representantes dessa mesma sociedade, que se sentirão – imagina ele – representados por sua fala; por outro, os mentores da suposta unificação proposta para o português, que terão um retorno de como sua ação vem se refletindo entre os falantes da língua no Brasil.

No que se refere às variedades de língua, o autor opta por utilizar, em seu texto a norma padrão em seu registro formal. Essa opção também se dá por força da situação comunicativa que a ele se impõe. O gênero texto de opinião e o jornal onde será publicado o texto impedem, por exemplo, a utilização de um registro informal distenso.

Esses são aspectos relevantes que determinaram que o texto produzido por Veríssimo fosse esse e não outro. São as escolhas que o sistema disponibiliza. Cabe ao falante escolher o que mais adequadamente cumprirá sua intenção comunicativa em consonância com o contexto de situação e o contexto de cultura (HALLIDAY, 2004). São esses aspectos, então, que devem fazer parte da discussão em torno da escrita na escola, além dos aspectos linguísticos propriamente ditos.

Como já dito anteriormente, o componente semântico do sistema linguístico configura-se como um sistema de escolhas à disposição do falante. Considerando-se as formas léxico-gramaticais usadas no texto analisado, focaremos nossa atenção em dois aspectos específicos, em função de seus efeitos de sentido no contexto: o emprego de termos e a organização do período.

No trecho do texto analisado, o autor emprega os seguintes termos: *talvez*, *pode-se prever*, *umentaria*, que marcam uma posição de não comprometimento com o que está sendo dito. O autor “protege sua face”, não assegurando ao leitor que *o acordo não vale o trabalho que dará*, que *as mudanças levarão tempo para “pegar”* (a oração condicional *se vierem* reforça isso) e que *a unificação do idioma aumentará o mercado em potencial para os livros dos escritores de língua portuguesa*. Essa escolha do autor tem razão de ser: ele busca negociar com seu interlocutor a validade de suas proposições num momento ainda de indefinição sobre os rumos que os países envolvidos dariam ao Acordo – sentido interpessoal.

Quanto à organização do período, analisaremos a composição do seguinte trecho:

(c) ... (a Espanha) perdeu seu império americano, mas deixou um imenso mercado para o Garcia Marques e o Vargas Llosa,...

Diante da intenção de construir uma relação de oposição, de contraste entre as ideias veiculadas pelas duas orações em tela, o autor optou pela coordenação, com o emprego da conjunção coordenativa adversativa *mas*. Poderia ter optado pelo processo de subordinação, com o emprego, por exemplo, da conjunção subordinativa adverbial concessiva *embora*.

Essa opção, concretizada no trecho construído, coloca o foco do discurso na oração iniciada pelo *mas*, sugerindo que, para o autor, essa é a informação mais importante do trecho. Caso a opção tivesse sido pelo *embora*, o leitor construiria um sentido textual diferente para o trecho: o foco estaria na oração principal e não na oração iniciada pelo *embora*.

(d) ... (a Espanha) perdeu seu império americano, *embora tenha deixado um imenso mercado para o Garcia Marques e o Vargas Llosa,...*)

O sentido ideacional, entretanto, é o mesmo nas duas possibilidades de construção. Temos, nos dois modelos, os mesmos processos e os mesmos participantes integrantes do sistema de transitividade:

Em (c): *perder* (processo) / *a Espanha e seu império americano* (participantes)
deixar (processo) / *a Espanha* (elíptico), *um imenso mercado* e *o Garcia Marques e o Vargas Llosa* (participantes)

Em (d): *perder* (processo) / *a Espanha e seu império americano* (participantes)
deixar (processo) / *a Espanha* (elíptico), *um imenso mercado* e *o Garcia Marques e o Vargas Llosa* (participantes)

A percepção dessas e de outras sutilezas nos textos é uma habilidade de leitura a ser desenvolvida pela escola, assim como também é uma habilidade saber empregá-las conscientemente nos textos que se produzem. As escolhas linguísticas (não só lexicais, mas de arranjos estruturais) feitas pelo locutor é que delinearão o texto que ele produzirá, determinando o(s) sentido(s) nele construído(s), assim como guiarão o interlocutor na busca desse(s) sentido(s), auxiliando-o no reconhecimento da intenção comunicativa do autor.

5. Considerações finais

É preciso não esquecer que, na escola básica, somos professores de Língua Portuguesa. De língua, portanto. Não de gramática somente. Mais do que ensinar os elementos que a Língua Portuguesa disponibiliza e a norma para a combinação desses elementos, é preciso que a escola assuma para si o papel de ensinar as Práticas de Linguagem mais comuns em nossa sociedade. Isso significa dizer que a língua a ser estudada é a língua em uso, e que atualizar a língua em situação de comunicação específica é, de fato, agir.

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria que se apresenta como uma alternativa ao que propõe o Estruturalismo. Ela oferece as ferramentas necessárias para que o ensino de língua venha a assumir um papel fundamental na escola. Fundamental porque, do bom uso da língua materna, na leitura e na escrita, depende um aproveitamento melhor do aluno nos demais componentes curriculares.

As habilidades leitora e escritora, por serem básicas para o desenvolvimento de todas as outras, exigem certas atividades diárias com os alunos de todos os anos. Entre elas, estão, prioritariamente, a leitura e a escrita feitas pelos próprios alunos, e a leitura e a escrita pelo professor para os alunos e com eles – se eles ainda não compreendem o sistema de escrita –; as práticas de comunicação oral – por meio das quais eles aprendem sobre os gêneros do discurso –; e as atividades de análise e reflexão sobre a língua – que promoverão um pensar sobre as escolhas que a língua oferece para a construção dos sentidos que desejam.

Sendo a escrita uma prática social, o professor que pretende ensinar a escrever deve ter como referência fundamental os conteúdos envolvidos nas práticas sociais da escrita. É preciso desenvolver nos alunos o chamado *comportamento escritor* – ao lado do *comportamento leitor* –, algo que se conquista por meio da familiarização com os textos e com a prática da escrita de diferentes gêneros. Planejar o que se vai dizer, textualizar a intenção que se tem, revisar mais de uma vez a escrita são os comportamentos de quem escreve que a escola precisa desenvolver. Tais comportamentos são etapas de que depende o sucesso da escrita de nossos alunos, pelo qual nós, professores, somos diretamente responsáveis.

6. Referências bibliográficas

DUTRA, V. L. R. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HAWAD, H. F. Texto ou gramática? Pela superação de um falso dilema. *In*: VALENTE, A. C. e PEREIRA, M. T. G. **Língua portuguesa: descrição e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.